

## JOÃO SIMÕES LOPES NETO: LEITOR DE DANIEL GRANADA

Elisângela Aparecida Zaboroski de Paula\*

### RESUMO

João Simões Lopes Neto (1865-1916), escritor regionalista gaúcho, que ao produzir sua obra utilizou-se de várias fontes, populares e eruditas, para compô-la. O objetivo desta pesquisa é, sobretudo, divulgar o trabalho de Simões e de sua possível fonte influenciadora na produção de *Lendas do Sul* (1913); Daniel Granada (1847-1929), escritor espanhol e de seu livro intitulado *Reseña historico-descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del Rio de la Plata*.

**Palavras-chave:** Regionalismo. Daniel Granada. João Simões Lopes Neto.

### Introdução

Quando falamos em João Simões Lopes Neto (1865-1916), escritor regionalista gaúcho, um contador de casos, mitos e lendas, não podemos deixar de pensar em seus influenciadores, já que os mesmos fazem parte de sua vida enquanto leitor e escritor e são importantes para que possamos conhecer as histórias que fizeram parte dessa vida do homem que nos apresentou Blau Nunes, que se calou para dar espaço e voz ao gaúcho simples, pobre e como sempre oprimido pelos regimes vigentes.

Assim é a literatura simoniana: um híbrido de cultura popular e erudita, um amálgama entre o modo de falar dos peões das estâncias e do homem culto e cidadão. Essa sua maneira simples e poética de contar casos nos faz refletir sobre sua trajetória de vida, a qual está implicitamente retratada em sua obra.

Simões Lopes Neto critica o progresso, valorizando o campo, o estudo das nossas coisas, a narrativa oral, o folclore gaúcho e brasileiro, o pobre no centro dos *Contos* e das *Lendas*, o ‘povo anônimo’ no centro da história que não deveria ser mais a dos grandes generais (CHIAPPINI, 1988, p. 132).

Certamente Simões valeu-se de inúmeras fontes para produzir sua obra. Aqui, entretanto, daremos um enfoque principal a uma de suas maiores fontes inspiradoras: trata-se do escritor espanhol Daniel Granada (1847-1929) e de sua *Reseña historico-descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del Río de la Plata*, (Resenha histórico-descritiva de antigas e modernas superstições do Rio da Prata) influência essa que foi determinante para que o criador de Blau Nunes publicasse seu livro de lendas em 1913.

\* Elisângela Aparecida Zaboroski de Paula é formada em Letras – Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (FAFIUV). Atualmente cursa mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

*Lendas do Sul* é um livro que vai tratar de três lendas do folclore gaúcho, as quais representam a heterogeneidade da formação étnico-cultural do povo gaúcho que está relacionada com os índios, com os árabes, com os espanhóis e portugueses e ainda com os negros. Para Hohlfeldt as “*Lendas do Sul* tem por objetivo a busca da composição étnica, histórica – e por que não dizer – até mesmo antropológica da civilização gaúcha, através de seus tipos principais, representados [...] pelo índio, pelo árabe, espanhol, português e o negro” (HOHLFELDT, 1996, p. 47).

Sobre esse livro de Lopes Neto, Antônio Hohlfeldt (1996) diz ainda que as três lendas escolhidas pelo autor para formar sua referida obra são fundamentais para a descrição simoniana de três tradições étnicas que vieram a formar a cultura gaúcha e a identidade do próprio gaúcho. Lembrando que nesse livro Simões faz uma referência também às lendas missionárias do Centro e do Norte do Brasil.

### **Um leitor de Granada**

O escritor gaúcho João Simões Lopes Neto utilizou-se principalmente do autor espanhol Daniel Granada para escrever a saga de Blau Nunes na lenda/conto *d’A Salamanca do Jarau*, componente de suas *Lendas*, para produzir a história da cobra de fogo, símbolo da proteção de tesouros, das matas e tantos outros significados que a ela atribuíram através da lenda da M’Boitatá. Na obra de Granada o autor faz uma referência a ela como sendo do mesmo gênero que a Teiniaguá – a qual foi descrita por ele e por Simões. E ainda o escritor brasileiro apropriou-se da obra do folclorista espanhol ao relatar as histórias das lendas da Mãe do Ouro, dos Cerros Bravos, da casa de M’bororé e dos Zaoris, em capítulo intitulado: *Argumento de outras Lendas Missionárias e do Centro e Norte do Brasil*.

Lembrando que a alusão que Lopes Neto faz implicitamente aos mitos guaranis na lenda da Salamanca também são apresentados pelo escritor espanhol em sua *Resenã* e ainda a popular história do célebre caudilho Bento Manuel Ribeiro, que nos tempos da Revolução Farroupilha (que ocorreu entre os anos de 1835-1845, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina) teria adentrado no cerro do Jarau, feito um pacto com a Teiniaguá e saído de lá com muita sorte, riquezas e o “corpo fechado”, também é relatada por Granada assim como por Simões Lopes Neto que em suas *Lendas* faz menção explícita a esse general. “A seguir a tradição local o célebre caudilho Bento Manuel deveu sua sorte guerreira, política e de fortuna ao conchavo que ajustou na *Salamanca do Jarau*. Antes dele, alguns, mas depois, nenhum outro obteve mais nada, desde - ‘que o cerro pegou fogo’ - quando acabou o encantamento” (LOPES NETO, 1988, p. 165). Já Granada ao referir-se a Bento Manuel Ribeiro faz a seguinte exposição:

Na guerra (1835-1845) ou revolução republicana chamada de farrapos, na antiga província do Rio Grande do sul (Brasil), existiu em um primeiro momento, um caudilho que a sua grande

riqueza e influência, reunia a circunstância de que, a sorte o favorecesse em suas empreitadas e em quase todos os lances que colocaram em perigo sua vida ou seus desígnios. O vulgo atribuía a estrela incomparável do famoso caudilho (que era o general Bento Manuel Ribeiro, conhecido comumente por Bento Manuel, somente) às consultas que se acreditava que ele fazia várias e várias vezes na Salamanca que existe em um dos cerros do Jarau, que estão ao norte do rio Quaraí, por onde passa a linha divisória entre o Uruguai e o Brasil (GRANADA, 1947, p. 80, tradução nossa).

A lenda d'A *Salamanca do Jarau*, produzida por Simões tem várias fontes inspiradoras, populares e eruditas, mas Granada certamente é sua fonte mais autêntica.

Ao abrirmos o primeiro e, sequencialmente, o segundo capítulo da lenda do escritor brasileiro, encontraremos uma correspondência deste com os capítulos VIII e IX da obra do autor espanhol, intitulados: *Salamanca*.

Granada discorre nestes capítulos acerca das crenças nas furnas encantadas, na Espanha, dando ênfase à cidade de Salamanca, onde havia uma das furnas mais famosas, e também fala das furnas no mundo todo relatando como as histórias dos salamanqueiros foram trazidas para a América. Eis um trecho de Granada, onde o autor sevilhano faz alusão clara a esse tema.

Non somente o vulgo, mas também importantes escritores acreditavam na existência de escolas de artes mágicas em Salamanca, Córdoba e Toledo e outros pontos menos famosos da Espanha, atribuindo aos mouros a introdução delas na Península. A cova de Salamanca, em especial, deixou grandes raízes (GRANADA, 1947, p. 75-76).

No início da lenda de Lopes Neto encontramos Blau Nunes, o narrador-personagem da lenda da *Salamanca* campeando um boi barroso e de repente o mesmo depara-se com um vulto de face branca e tristonha, o sacristão encantado, o qual se apresenta, conta sua história e Blau então se lembra do que sua avó charrua o contava. Era a história de uma princesa árabe encantada da Espanha, que o diabo transformou em Teiniaguá e que a mesma veio habitar o cerro do Jarau, localizado ao norte da cidade de Quaraí, no Rio Grande do Sul. E isso está destacado na lenda de Simões da seguinte maneira:

Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada – Salamanca – onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres nas artes de magia; e era uma fuma escura que eles guardavam o condão mágico. [...] O condão estava no regaço duma fada velha, que era uma princesa moça, encantada, e bonita, bonita que só ela! (LOPES NETO, 2006, p. 198-199).

Nos capítulos que se seguem, três, quatro, cinco e seis da lenda do autor brasileiro, onde o sacristão encantado conta toda sua história, desde o momento em que encontrou com a Teiniaguá e a capturou em sua guampa, levou-a até seu humilde quarto atrás da igreja de Santo Tomé das antigas Missões Jesuíticas, por volta do ano de 1650, até relatar toda sua saga de amor com a encantada, pois ele descobre que a mesma é também uma mulher, uma princesa moura vinda da Espanha e encantada pelo diabo. Relata também que, após, descoberto seu ato pagão, seja pela condição de encantada da Teiniaguá, seja por sua condição de mulher moura, suja e infiel, já que naquela época a igreja católica proibia a união entre mouros e cristãos, ele foi preso e condenado à morte. O Sacristão conta a Blau que a Teiniaguá o salvou dessa morte, porém, eles foram condenados a viver na condição de encantados na Salamanca do cerro do Jarau.

Na obra de Granada, em seu capítulo X intitulado *Cerros encantados – Fuego y oro*, o autor espanhol descreve a história de um sacristão da cidade de Santo Tomé e de seu amor pela encantada *teyuyaguá*, como diria Granada e ainda como ele escapou da morte evidente e de como foi parar no cerro do Jarau, eis o trecho:

Um dia o sacristão da igreja de Santo Tomé observou que as águas de uma lagoa vizinha ferviam alvoroçadamente, como se estivessem aquecidas por uma grande fogueira subterrânea. Foi andando até a lagoa, arrastado pela novidade do fenômeno. Quando, um pouco distante, esteve próximo ao objeto que o atraía, saiu, parando de ferver as águas, e se encaminhou até ele, uma espécie de lagartixa, cuja cabeça, velada por uma envoltura indefinível, parecia de fogo e irradiava uma luz peregrina que ofuscava a vista. O sacristão da igreja de Santo Tomé se apoderou do mirífico réptil, e colocou-o na guampa (vaso de chifre de boi) com água e a levou para sua casa. [...] Em seguida foi em busca de alimento, propondo-se deleitá-la com o rico mel da *lechiguana* (abelha silvestre, que fabrica seu ninho ou o favo de mel nas matas, a pouca altura do chão). [...] Espantado ficou o sacristão, quando, ao entrar em seu aposento, levou as mãos à boca na presença de uma mulher belíssima, verdadeiramente encantadora, que se dirigiu a ele, para atrair sigilosamente brandas palavras de afeto. Se ambicionares, juntar, o ouro e a prata, e os diamantes e os rubis, segue-me: voltarei a entrar na guampa onde você me colocou, e me levarás em tua mão aonde eu te encaminhe: lá terá os riquíssimos tesouros que todos os caminhantes invejam. [...] O fato é que os padres da Companhia que tinham a cargo a redução de Santo Tomé, notando fraqueza na fé por parte do sacristão e no dissimulável abandono no cumprimento de seus deveres, começaram a observar seus passos. O resultado foi que descobriram tudo o que se passava. A Teiniaguá, que repetidas vezes tinha se transformado em impudica mulher feiticeira, desapareceu. O sacristão, que tantas outras vezes havia pecado, foi preso. Foi julgado e condenado. Mas

quando iam castigá-lo, um grande ruído e um grande sacudimento, que rachando a terra, fez tremer os edifícios da cidade. [...] Correu a história, a ponto de que, se castigassem o sacristão, Santo Tomé afundaria. [...] O trajeto por onde se abriu a terra, dando passagem a Teiniaguá que atendera tão estrondosamente em auxílio do sacristão prisioneiro, está ainda evidente em Santo Tomé, desde aqueles arrabaldes, até a fronteira do Uruguai, por lá passa uma valeta que as chinas e os índios missioneiros determinaram como testemunho do ocorrido. [...] Faz já cerca de duzentos anos que a Teiniaguá encarcerou-se no Cerro do Jarau com o sacristão de Santo Tomé. Hoje és, todavia o sacristão de Santo Tomé, bom e inocente, mas arrependido e triste, que habita os imensos palácios maravilhosos da Salamanca do Jarau: rodeado de riquezas, as contempla impassível, sem desfrutar dos regalos que, devidamente aplicados, proporcionam fácil acesso no mundo (GRANADA, 1947, p. 103-106, tradução nossa).

Outros pontos semelhantes são a descrição das lagoas e cerros bravos descritas por Simões, já que as mesmas são inspiradas em Granada, em seu capítulo: *Lagunas Bravas*, a passagem em Lopes Neto quando o sacristão, ainda no início da lenda, pensa sobre todas as riquezas que poderá alcançar tendo como sua a Teiniaguá, lembrando que isso também é trabalhado por Granada.

Simões teria ainda retirado de Granada toda a saga de Blau Nunes, ao adentrar no cerro do Jarau e passar pelas sete provas para alcançar a Teiniaguá. Embora Simões seja mais detalhista que o autor espanhol em alguns pontos, como por exemplo, quando Lopes Neto faz a descrição dos obstáculos que sua personagem-narrador percorre até chegar a Teiniaguá encantada, suas obras estão ao todo interligadas, daí ser correta a afirmação de que Granada é a principal fonte de inspiração do autor de *Lendas do Sul*.

Contudo existem também divergências entre ambos, pois, embora Blau Nunes não saia rico de dentro da Salamanca, assim como também acontece com o salamanqueiro de Granada, seus motivos são diferentes, os quais ainda não haviam sido mencionados na versão do espanhol. Blau sai da caverna pobre, mas recebe uma onça de ouro, assim como também a possui a personagem de Granada, e aqui existe mais um ponto contrastante entre os dois autores, pois na versão de Simões a “onça mágica” multiplicava-se, porém, de uma em uma e era furada pelo condão mágico da Teiniaguá, enquanto que a onça de ouro da versão espanhola não se multiplicava, não era furada por nenhum condão mágico, era simplesmente mágica e certamente por isso também não era suspeita de ser “coisa do diabo”, como na versão do escritor gaúcho. Podemos afirmar, com isso, que “Foi Daniel Granada, pois, quem forneceu a Simões Lopes todos os elementos de que se valeu para compor a *Salamanca do Jarau*” (MEYER, 1979, p. 180).

Outra relação que podemos fazer acerca de Granada ter influenciado Simões em seu livro de lendas é a questão dos mitos guaranis, que o escritor gaúcho utilizou para produzir sua lenda da *Salamanca*, já que os índios chamavam de diabo – Anhangá

– sendo os padres jesuítas responsáveis pela denominação de Tupã como deus e de Anhangá como o diabo, ser maléfico, espírito das trevas. O povo guarani seria o criador do pai da Teiniaguá como nos afirma Chiappini (1988, p. 205): “O vento traz também, na sua correnteza sem corpo, as vozes guaranis; imaterial, esse vento, sopro sagrado, carrega a voz do povo que inventou Anhangá – o pai da Teiniaguá encantada.” E ainda podemos relacionar essa afirmação utilizada por Lopes Neto com uma asserção de Granada que diz (1947, p. 43, tradução nossa): “Assim, por exemplo, anhangá, que era o diabo dos guaranis, tinha para algumas gerações a forma de um inseto”.

Ainda falando de fontes populares que influenciaram Lopes Neto a produzir a saga de Blau, podemos relacionar a Teiniaguá encantada como outra figura mitológica: trata-se da Mãe do Ouro, já que a mesma é conhecida por ser aquela que governa tudo, que não se sabe o que é, que é a alma que não morreu. Ao recusar os sete prêmios que a Teiniaguá lhe ofereceu, Blau faz uma alusão à Mãe do Ouro ao falar da Teiniaguá, ele fala sobre ela ser tudo o que não se sabe o que é: “Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és tudo! [...] És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim [...] eu te queria a ti Teiniaguá encantada! (LOPES NETO, 1949, p. 314).

Lembrando que *Mãe do Ouro* é uma das lendas componentes do livro de Simões a qual faz parte do capítulo intitulado: *Argumento de outras Lendas Missionárias e do Centro e Norte do Brasil*, neste o criador de Blau Nunes faz uma referência a algo “que não se sabe o que é” (LOPES NETO, 2006, p. 245).

Já Granada refere-se à Mãe do Ouro como ela sendo da mesma família que a Teiniaguá e também da mesma espécie da M’Boitatá. “O M’Boitatá é, em sua essência, um representante, como o carbúnculo e o Teiniaguá, da Mãe do Ouro” (GRANADA, 1947, p. 100, tradução nossa).

E Simões faz também uma descrição dos *Cerros Bravos*, alusão clara ao capítulo XI da obra de Granada. Lopes Neto ao falar dos Cerros faz a seguinte afirmação:

Dos mortos por seu castigo, alguns não ficaram bem mortos e ainda estrebucham, curtindo dores. E como ainda estão meio vivos, quando algum vivente quer tirar para a sua cobiça o ouro – que é os seus nervos e que doem – os Cerros esses, enfurecem-se, e por força de encantamentos somem-se, rasos, ou atiram de uns para os outros, temporais tão medonhos, que eriçam o cabelo e prendem o passo dos homens (LOPES NETO, 2006, p. 246).

Já o autor da *Reseña* ao referir-se aos Cerros Bravos faz a seguinte intervenção:

Os cerros e os lugares brenhosos mediamente elevados chamam à atenção do homem do campo. Há tradição de que neles podem ser encontrados minas e tesouros, faz suspeitar que encerram os meios de tirar-lhe a pobreza, sim a fortuna,

ou outras causas naturais ou extraordinárias facilita sua aquisição. Oferecem a seus olhos e a seus ouvidos vários fenômenos que o suspendem e o maravilham: labaredas, estrondos, vozes, rugidos, estremecimentos, ultimamente. Um espírito, um ente sobrenatural, fantástico, os informa ou vive neles. São lugares encantados (GRANADA, 1947, p. 109, tradução nossa).

A lenda da M'Boitatá descrita por Simões Lopes Neto tem como fator principal e determinante, para que a mesma seja considerada a mais bela das versões dessa história, a questão de a cobra comer os olhos e depois se desmanchar em pedaços, lançando luzes, as quais se juntam novamente. Isso não é encontrado em nenhuma das outras versões que Simões certamente se utilizou, pois sabemos que o escritor gaúcho conhecia várias versões dessa lenda, lembrando que o mesmo era leitor dos viajantes, dos jesuítas, dos românticos do Partenon Literário e dos folcloristas, e entre eles estava Daniel Granada. O escritor espanhol também produziu sua versão para a lenda da M'Boitatá associando-a à família da Teiniaguá e também da Mãe do Ouro e ao falar desses mitos faz a seguinte afirmação:

As gerações guaranis do Rio da Prata e do Brasil tiveram a par da Teiniaguá, que mora atualmente nos cerros do Jarau, a cobra de fogo. Chamando-se M'boitatá e é muito pequena. É recorrente até os dias de hoje nas campanhas do Brasil, do Rio da Prata e Paraguai, mergulhando nas lagoas e escondendo-se entre os penhascos dos cerros e das serras. Pertencente à família da Teiniaguá das Missões e do carbúnculo, ou do farol que ilumina as cordilheiras das regiões andinas. [...] O M'boitatá é em sua essência um representante, como o carbúnculo, a Teiniaguá, da Mãe do Ouro. [...] o M'boitatá, do mesmo modo que os demais fantasmas nascidos do fogo e do ouro, representa assim mesmo na imaginação popular outros vários conceitos misteriosos da vida e da morte: luz, às vezes, que vem da morada dos espíritos, com algum fim desconhecido ao mundo (GRANADA, 1947, p. 99-100, tradução nossa).

Na segunda parte do livro das *Lendas*, Simões faz menção ainda à história da *casa de M'bororé*, que segundo a versão do escritor brasileiro tratava-se de uma casa branca com salas lastradas de barras de ouro e barras de prata, ouro maciço, cálices e resplendores de santos, tesouros dos jesuítas, que expulsos das Missões não puderam levar nada e esconderam esse tesouro na casa de M'bororé, que era um índio velho, protetor da casa. Era uma casa sem portas e sem janelas, M'bororé, amigo dos padres das Missões, guardava a casa noite e dia. Granada ao relatar a história dessa casa de M'bororé, faz a asserção:

Em meio aos imensos bosques que povoam uma parte conside-

rável do território das Missões se encontra, segundo as tradicionais imaginações de seus habitantes, a casa branca, sem portas e nem janelas (nem vãos) de M'bororé, onde os jesuítas expulsos trancaram os riquíssimos tesouros que possuíam (GRANADA, 1947, p. 123, tradução nossa).

Outra lenda da obra de Lopes Neto que está diretamente relacionada com a obra de Daniel Granada é a chamada lenda dos *Zaoris*. Conta a versão do escritor gaúcho que São Miguel, após a morte de Jesus Cristo, desceu à terra com a ordem de castigar aos judeus, e o arcanjo deu essa ordem aos anjos que estavam de guarda à Cruz, onde Jesus estava pregado. Todas as pessoas estavam condenadas pelo pecado de terem matado o filho do Senhor, porém, as crianças nascidas naquela sexta-feira não teriam culpa e por isso não deveriam ser castigadas. Contudo, os anjos da guarda da Cruz, não sabiam disso e iam castigá-las também. Foi aí que a Virgem Maria intercedeu por elas e fez um milagre: “mandou que a ventania das asas de prata do arcanjo ventasse sobre os olhos dos que fossem nascendo nesse dia santo, e ao brilho das armas de ouro, que brilhasse sobre eles” (LOPES NETO, 2006, p. 248). Com isso essas crianças puderam ser diferenciadas na hora da punição dos céus. E esses dons ficaram na terra (o brilho das asas de prata do arcanjo e o das suas armas de ouro) e todas as sextas-feiras santas esses dons procuram os olhos das crianças recém-nascidas, para que então elas também tenham esse dom, transformado aqui na terra, em dom de ver no escuro e através de qualquer tapamento de pedra, madeira ou ferro. Para eles nada pode ser escondido ou enterrado sem que seus olhos vejam, esses são os *Zaoris*.

A semelhança à obra de Granada está explícita, considerando a afirmação do escritor espanhol em que ele constata que os *Zaoris* enxergam tudo e deles nada pode ser escondido.

A Península Ibérica aloja em seu seio, especialmente, e enviou ao Novo Mundo, uma espécie de bruxos que levam o nome de *Zaoris*. São pessoas dotadas da faculdade invisível, de ver através dos corpos ocapos, de descobrir o que está oculto. Mesmo que esteja debaixo de sete palmos de terra. São seus olhos, olhos que adivinham. Não existem paredes nem camadas de terra que resistam-nos: tudo é penetrado por sua vista perspicaz (GRANADA, 1947, p. 127-128, tradução nossa).

### **Considerações finais**

Após esse estudo detalhado sobre as relações existentes entre as *Lendas do Sul* e a obra de Daniel Granada podemos afirmar que seu criador valeu-se da obra do escritor espanhol para então produzir seu livro de lendas. Podemos concluir ainda que Granada foi sua principal fonte de inspiração, já que, como pudemos evidenciar, vários trechos da obra espanhola são semelhantes à obra de Simões Lopes Neto.

**Diálogos & Saberes**, Mandaguari, v. 5, n. 1, p. 143-151, 2009

## ABSTRACT

### JOÃO SIMÕES LOPES NETO: READER OF DANIEL GRANADA

João Simão Lopes Neto (1865-1916), southern regionalist writer, who producing his work used a lot of popular and erudite sources to compose it. The objective of this research is, especially, to make public the work of Simões and his possible main influence source in his book *Lendas do Sul* (1913): Daniel Granada (1847-1929), Spanish writer, and his book entitled *Reseña historico-descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del Rio de la Plata*.

**Keywords:** Regionalism. Daniel Granada. João Simões Lopes Neto.

## REFERÊNCIAS

CHIAPPINI, L. *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GRANADA, D. *Reseña historico-descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Kraft, 1947.

HOHLFELDT, A. *Literatura e vida social*. Porto Alegre: Ed. da Universidade da UFRGS, 1996.

LOPES NETO, J. S. *Gauchescos: lendas do Sul*. Edição crítica por Aurélio Buarque de Holanda. Porto Alegre: Globo, 1949.

\_\_\_\_\_. *Contos Gauchescos: lendas do Sul. Casos do Romualdo*. Edição crítica por Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

\_\_\_\_\_. *Contos gauchescos: lendas do Sul*. Edição crítica por Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: Unisinos, 2006.

MEYER, A. *Prosa dos pagos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.